

Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria
Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc São Paulo
2022

moralidades
CONVERSAS
amoralidades
SOBRE
imoralidades
ÉTICA

5 christian dunker



MÓDULO II

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

moralidades **CONVERSAS** amoralidades **SOBRE** imoralidades **ÉTICA**

5 christian dunker

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica, os métodos.

As especificidades das ciências:

exatas, biológicas, humanas. Bioética.

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL Joel Naimayer Padula
COMUNICAÇÃO SOCIAL Ivan Giannini
ADMINISTRAÇÃO Luiz Deoclécio Massaro
Galina ASSESSORIA TÉCNICA E DE
PLANEJAMENTO Sérgio José Battistelli

GERENTES
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO Andréa
de Araújo Nogueira ARTES GRÁFICAS Hélcio
Magalhães

EQUIPE SESC
Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Maurício
Trindade da Silva, Rafael Peixoto,
Rosana Elisa Catelli e Sabrina da Paixão
Brésio

**MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:**
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
André Luiz dos Santos, Branca Jurema
Ponce, Christian Dunker, Eliane Potiguara
Halina Macedo Leal, Nilton Bonder, Renato
Janine Ribeiro, Renato Nogueira e Ricardo
Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dunker, Christian
Moralidades, amoralidades, imoralidades [livro
eletrônico] : conversas sobre ética 5 / Christian Dunker. -- São Paulo, SP : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunt Consultoria e Assessoria, 2022.

PDF.

ISBN 978-65-87592-06-0

1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-106274

CDD-171.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 171.2
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Onde a ética começa, e onde ela termina? Podemos tratar da moral no singular?

Pensar acerca dos temas da ética e da moral suscita as mais diversas questões, as quais por vezes não serão sanadas a contento. Se nosso tempo se apresenta como uma rede de complexidade, na qual nos deparamos com diferentes articulações morais e princípios éticos postos à prova, o ciclo **Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética** apostou na relação do diálogo para expor e problematizar algumas destas interrogações, objetivando mais mobilizar o olhar crítico e autocrítico sobre nosso próprio fazer e agir socialmente, do que ofertar respostas prontas, ou defender teses conclusivas sobre qual a ‘melhor’ ética a se seguir, ou em qual moral devemos nos refugiar.

Partindo das perguntas-chave mobilizadoras que nomearam cada encontro, e com mediação da educadora Terezinha Azerêdo Rios, pesquisadores, pensadores e artistas de diferentes formações acadêmicas, campos de atuação e

territorialidades foram provocados a expor seus pontos de vista acerca do interminável tópico que é o da ética e suas leituras no contemporâneo, bem como sobre os modos de re-pensar as moralidades a partir de outras óticas, mais ampliadas, heterogêneas e inclusivas. Promovido pelo Serviço Social do Comércio de São Paulo (Sesc SP), por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), o ciclo ocorreu de junho a agosto de 2021, de modo on line, e esta publicação reúne o resultado de sua transcrição, como forma de amplificar e compartilhar as reflexões realizadas. Uma boa leitura.

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo

Apresentação

Esta série de encontros - “Moralidades, Amoralidades, Imoralidades – conversas sobre ética” – foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Sabrina da Paixão Brésio e Andréa de Araújo Nogueira. Queremos agradecer a todos os palestrantes por terem aceitado o nosso convite e prestar uma homenagem especial ao professor Roberto Romano, que deveria estar conosco no Encontro 4, no dia 29 de agosto de 2021, para falar sobre “Ética, Política e Economia - As relações de poder, os sistemas de governo. Os sistemas econômicos, as teorias”. Uma semana antes, no dia 22, fomos tristemente surpreendidos pela sua morte.

Homenagem ao professor Roberto Romano, um intelectual de primeira grandeza.

A morte do professor Roberto Romano deixou um vazio neste momento da história do Brasil. Era um defensor do ensino público, da ética, das políticas de inclusão nas universidades e da justiça social no país. Sua erudição e sua presença, tão necessárias, farão muita falta. Mas sua obra estará presente permanentemente em qualquer referência ao conhecimento reunido sobre história, política, filosofia e economia de nosso país.

Roberto Romano era graduado pela USP (1973) e fez doutorado em filosofia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, na França (1978). Era considerado uma das referências no país ao tratar de temas como ética, democracia, direitos humanos, ciência política e universidade pública. Além disso, foi autor de vários livros, entre eles *Igreja contra o Estado*, *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo* e *Razão de Estado e outros estados da razão*.

ESTRUTURA DO CICLO

MORALIDADES,
AMORALIDADES,
IMORALIDADES:
CONVERSAS SOBRE ÉTICA

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO,
CURADORIA

Fernando Rios
Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA
Terezinha Azerêdo Rios

MÓDULO I **TEMPOS E ESPAÇOS DE CRIAÇÃO** **DE VALORES MORAIS E PRINCÍPIOS** **ÉTICOS** **- DOMINAÇÃO OU PLURALIDADE?**

A ética começa quando
entra em cena o outro.

UMBERTO ECO

Reflexão sobre a diversidade presente nas sociedades, no que diz respeito às construções morais, com o propósito de apresentar visões diferentes, não para confrontá-las, mas para apontar as contradições, os conflitos e as possibilidades de diálogo entre elas.

Toda ética digna deste nome parte da vida e se propõe a reforçá-la, a torná-la mais rica.

FERNANDO SAVATER

ENCONTRO 1 / 10.06.2021

Apresentação do módulo
A MORAL É OCIDENTAL? – TUDO
COMEÇOU NA GRÉCIA...?

As morais dos povos antigos, a moral dos orientais, a moral africana, a moral pré-socrática.

Convidado:
Renato Janine Ribeiro

ENCONTRO 2 / 17.06.2021

A MORAL É BRANCA? – TUDO
COMEÇOU SEM MELANINA...?

As morais negras, as morais indígenas...

Convidado:
Renato Nogueira

ENCONTRO 3 / 24.06.2021

A MORAL É MASCULINA? – TUDO
COMEÇOU COM ADÃO...?

As morais femininas, LGBT, queen...

Convidada:
Halina Macedo Leal

ENCONTRO 4 / 01.07.2021

A MORAL É BURGUESA? – TUDO
COMEÇOU COM O PATRÃO...?

A moral da classe trabalhadora

Convidado:

Ricardo Antunes

No fechamento do módulo,
defenderemos a ideia de que, no
campo da Ética, tudo começa – e
segue – com todos!

MÓDULO II.

ÉTICA, MORAL E COMPANHIA

– SABERES, PENSARES, SENTIRES.

O mais belo do mundo seria fazer-se o que se
sabe e pode

para que a vida de todos seja melhor.

VALTER HUGO MÃE

Articulação entre a ética e os
diversos campos do conhecimento
e do agir social, refletindo sobre
as suas fronteiras e as inúmeras
pontes que podem ser construídas
no sentido de ampliar os olhares e os
pontos de vista.

ENCONTRO 1 / 08.07.2021

ÉTICA E CIÊNCIAS

O objetivo da investigação científica,
os métodos. As especificidades das
ciências: exatas, biológicas, humanas.
Bioética.

Convidado:

Christian Dunker

ENCONTRO 2 / 15.07.2021

ÉTICA E RELIGIÕES

As manifestações religiosas na contemporaneidade. Os fundamentalismos.

Aqui aproveitamos para responder a questão “Tudo começou em Belém (na manjedoura)?”

Convidado:

Nilton Bonder

ENCONTRO 3 / 22.07.2021

ÉTICA E ARTES

O belo e o bem. O gesto criativo. A reflexão estética. Lazer/ludicidade

Convidada:

Eliane Potiguara

ENCONTRO 4 / 29.07.2021

ÉTICA E EDUCAÇÃO

A educação como construção da humanidade. A instituição escolar.

As políticas educacionais. Desafios e perspectivas.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

ENCONTRO 5 / 05.08.2021

ÉTICA, MORAL, EDUCAÇÃO.

CONVERSAS SOBRE O CICLO.

HOMENAGEM AO PROFESSOR

ROBERTO ROMANO.

Convidados:

1. Branca Junema Ponce

2. André Luiz dos Santos

OFICINA DE PERGUNTA, CONSULTORIA E ASSESSORIA LTDA.
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO.

sabrina da paixão brésio

Introdução

Aqui começa o segundo módulo do ciclo *Moralidades, Amoralidades, Imoralidades: conversas sobre ética*, que aconteceu nos dias 08, 15, 22 e 29 de julho e 05 de agosto de 2021, quintas-feiras, das 19:00 às 21:00. Ao final da fala, os participantes fazem intervenções e o palestrante responde a questões.

Apresento agora a mediadora dos encontros, professora Terezinha Azerêdo Rios: ela é graduada em Filosofia pela UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais; mestre em Filosofia da Educação pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; doutora em Educação pela USP – Universidade de São Paulo; pesquisadora do GEPEFE - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Educadores da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra para Terezinha e desejo a todos uma ótima conversa.



terezinha azerêdo rios

Há morais que tentam impor-se umas às outras.

Obrigada, Sabrina. É com muita alegria que damos início ao segundo módulo deste projeto que estamos desenvolvendo em parceria com o Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP. Vai aí já um primeiro agradecimento ao Sesc, particularmente a Andréa (Andréa de Araújo Nogueira) e Sabrina, que têm sido as nossas companheiras nesta jornada. Estou muito feliz por encontrar aqui pessoas que são queridas, que não vejo há algum tempo, que a pandemia fez a gente se distanciar. Que bom que podemos estar aqui levando adiante essa conversa.

Quero iniciar exatamente reafirmando: é o segundo módulo de um grupo de “conversas” sobre ética. O que a gente quis foi exatamente, à moda mineira, “prosear”. Dialogar. Volto a dizer, como já disse antes: não há diálogo do mesmo. Diálogo se faz na diversidade, na pluralidade. É por isso que temos trazido muitas vozes para que elas se cruzem aqui, para que a gente partilhe

ideias, sentimentos, crenças etc.

No primeiro módulo, fizemos algumas provocações e estivemos pensando sobre caminhos da moralidade, das múltiplas moralidades, e da reflexão crítica sobre elas, que é a ética. E agora, neste segundo momento, a gente vai pensar sobre múltiplos conhecimentos e como é que há uma presença, uma interlocução da ética com eles.

No último momento do primeiro módulo, o professor Ricardo Antunes nos trouxe uma reflexão muito profunda, boa, a propósito do trabalho. É o trabalho que nos torna humanos. É o trabalho que faz com que a gente possa fazer cultura e esses múltiplos produtos culturais – ciência, arte, filosofia, religião, política, economia, educação. Neste segundo módulo, o que a gente vai fazer é exatamente o diálogo sobre esses conhecimentos. Estou muito contente porque temos para desenvolvê-lo conosco amigos, colegas da melhor qualidade e, portanto, tenho a esperança de que realmente

a gente possa tornar essa conversa bem rica.

Eu vou, antes de começar, pedir licença a vocês e convocá-los para junto comigo fazer uma homenagem, uma celebração dos 100 anos de Edgar Morin.

Hoje é o dia do Morin – 100 anos! E é com muita emoção que a gente deve enviar o melhor sentimento para esse pensador que tem iluminado tantos caminhos. Como uma alternativa ao tradicional “Parabéns pra você”, Manuel Bandeira e Heitor Villa Lobos compuseram uma versão diferente. Eu vou cantar para o Morin:

Saudamos o grande dia

Que hoje comemoras

Seja a casa onde moras

A morada da alegria

O refúgio da ventura

*Feliz aniversário!*¹

Viva Morin! Viva muitos anos mais! A professora Branca Jurema, que está aqui, vai se lembrar de que, há muitos anos, no Ciclo Básico da PUC-SP, ao abordar com os alunos a questão do trabalho, a gente trazia um recurso bonito, um do-

documentário de Joaquim Assis que se chama *Ó xente, pois não*. É um documentário sobre trabalhadores, realizado em 1973, e um dos trabalhadores entrevistados, em um determinado momento, diz: “Pois é... tenho 54 anos, mas nestes 54 anos, já vivi muito mais do que 54 vidas”. Acho que o Morin é um homem de mais de cem vidas, com esses 100 anos, e por isso é que vale comemorar, como vamos comemorar daqui a pouco os cem anos de Paulo Freire.

Dito isso, vamos lá, não é, Christian? Você achava que eu ia falar de você primeiro, olhe lá, e comecei com o Morin...

Estamos muito alegres por você ter aceitado nosso convite.

Christian Dunker é psicanalista, professor titular em Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia da USP – Universidade de São Paulo. Analista membro da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, coordena o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise da USP. Autor de diversos artigos científicos e livros, entre eles *Paixão da ignorância* (Contracorrente,

¹ Heitor Villa-Lobos e Manuel Bandeira: Feliz Aniversário

https://www.youtube.com/watch?v=qPGa7VeEYEU&list=RDqPGa7VeEYEU&start_radio=1&rv=qPGa7VeEYEU&t=61

2020), *O palhaço e o psicanalista* (Planeta, 2018), *Transformações da intimidade* (Ubu, 2017) e *Mal-estar, sofrimento e sintoma* (Boitempo, 2015).

O mais recente – nunca digo o último, senão acabo com a carreira do autor – se chama *Uma biografia da depressão*. Ele tem um canal no YouTube chamado Falando Nisso². Vale muito a gente estar lá com ele.

Quero marcar duas coisas muito bonitas que Christian traz para a gente, que amarram o que a gente viu antes, por causa das morais que tentam impor-se umas às outras. Christian diz no *Paixão da ignorância*: “Nunca houve um processo colonizador que deixou de começar pelo ato de propor ao outro: ‘Fale a minha língua, porque assim a gente se entende’”. Achei da melhor qualidade! Quantas línguas a gente vai falar aqui? O Christian se dispõe a nos ouvir. Isso é ótimo.

E, depois, outra coisa dele que eu acho belíssima, que é a propósito da *escuta*. Acredito que devemos fazer o esforço de estar sempre nessa situação: “O olhar é silêncio ativo e

a palavra, escuta em gestação”. Da melhor qualidade!

Vamos ouvi-lo e ele vai nos ajudar a percorrer o caminho de uma interlocução, uma aproximação, quem sabe um diálogo, entre ética e ciências.

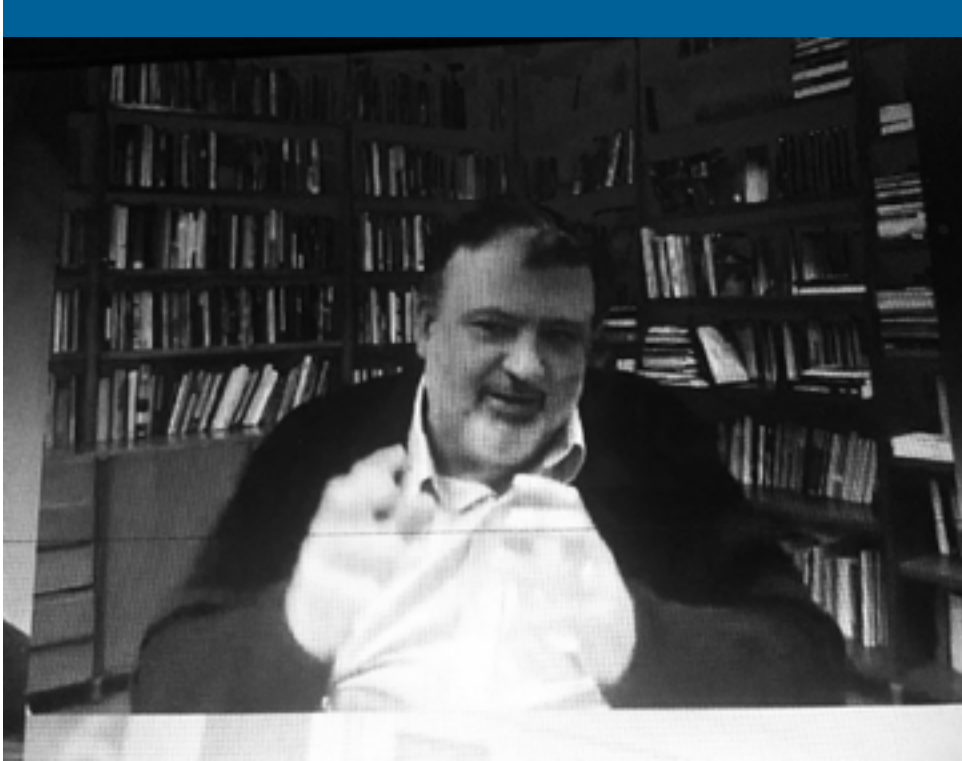
Obrigada, Christian, mais uma vez. A palavra é sua.

² Falando nisso

<https://www.youtube.com/channel/UCF6VjYfikYP2vfUx3c6GvVw>

5

christian
dunker



[...] precisamos poder pensar a ética mais além do desvio, da transgressão e da imoralidade. É importante que existam comitês de ética, assim como existem os códigos de ética profissional, mas na verdade eles são dispositivos morais, que defendem bons costumes. Essas soluções são encaminhamentos muito precários para o nosso desafio contemporâneo acentuado pela pandemia mundial de Covid-19, a saber: como a crise da ética pode nos levar a construir uma ética da crise?

christian dunker

Interdependência original entre ética e ciências

Obrigado, Terezinha, Sabrina, que tornaram possível nosso encontro hoje. Fico muito honrado de ter sido precedido pelo Morin. Recentemente, encontrei com ele no Rio de Janeiro e fiquei realmente encantado com a vivacidade com que ele, num auditório com 700 pessoas, do alto de seus 99 anos, falava com toda humildade sobre como devemos transformar nossa relação com os saberes.

Queria começar tentando uma definição mínima de ética e de ciência em sua relação histórica. Há uma profunda intimidade e interdependência entre a ética e as ciências se pensamos que elas estavam reunidas em uma mesma forma de saber, desde a filosofia de Platão e Aristóteles. Isso que para nós aparece como separado formava uma totalidade, tanto do ponto de vista da aquisição dos saberes, da *paideia*, da formação do homem grego, quanto do ponto de vista do método e ainda da oposição entre um tipo de saber, chamado conhe-

cimento ou *episteme*, em contraste com a *doxa*, ou opinião, tipo de saber mais comum entre os retóricos, sofistas e também no senso comum. *Episteme* pode se traduzir por ciência, por conhecimento, mas etimologicamente refere-se a *boa posição*. Colocar-se em boa posição para saber. Uma posição de investigação, uma posição científica, não é uma posição garantida imune ao erro, mas é uma posição de onde conseguimos olhar melhor as coisas.

As ciências estavam definidas naquele momento pelos seus objetos. Por exemplo, a psicologia em Aristóteles era uma teoria geral da alma; a biologia era uma história natural; a poética investigava as artes. O conjunto formava uma totalidade. Nos dois trabalhos de Aristóteles sobre ética, esta não podia ser propriamente dissociada das ciências, porque havia uma crença de que a sabedoria, a boa posição, a *episteme*, necessariamente, nos conduziria ao bom agir. Colocar-se

em relação ao bem na relação com os outros era só um caso particular do se colocar em boa posição para conhecer a alma, os animais ou os números.

Assim como a *episteme* opõe-se à *doxa*, a ética opõe-se à moralidade, entendida como usos e costumes em uma dada comunidade. É uma oposição interna, porque assim como a *episteme* parte da crítica das doutrinas correntes, ou seja, das opiniões, a ética parte da crítica dos modos de se comportar. Mas a etimologia da palavra ética nos remete a duas coisas um pouco diferentes: nosso lugar de pertencimento, mas também à conexão entre nossos juízos e nossos atos. Há essa crença entre os antigos de que se você ajuíza bem, se você pondera bem, se você pensa com prudência, tanto nas ciências quanto na ética, você vai concluir por agir corretamente e conhecer corretamente. Isso se chamava alcançar a virtude. Quando agimos bem e agimos em direção ao bem, aumentamos nossa excelência.

Moral é um termo que vem do latim – *mores*, costumes –, proceder de acordo com os costumes, agir de acordo com os hábitos, comportar-

-se de acordo com o que se espera numa determinada cultura, numa determinada época. Podemos violar a moral por impolidez, falta de educação ou crime. Moralidades são muito distintas, de povo para povo, de época para época, assim como as opiniões. As moralidades estão baseadas na opinião, na adesão dos espíritos àquilo que é uma espécie de regra de ação já dada e constituída. Nesse, sentido a ética seria um projeto de reflexão crítica, de explicitação de pressupostos e autoconsciência de princípios que regem a moral.

Primeira decorrência: agir moralmente nem sempre é agir eticamente; e agir eticamente nem sempre é agir dentro da lei. Assim como temos problemas científicos, no sentido de como entender melhor os fenômenos, temos problemas éticos que nascem a partir da tematização crítica, da inquietude, do espanto com a moral.

ENTRE MORAL E ÉTICA, UMA DE REFLEXÃO BÁSICA SOBRE A NATUREZA DAS LEIS.

A emergência da forma trágica, entre os séculos VII e V ac., dá-se

num momento de transição da sociedade grega, da moralidade teológica e miticamente orientada, para uma sociedade que começa a pensar-se como capaz de fazer as suas próprias leis. Afinal é na boca desta jovem de 13 anos, insubmissa à autoridade, chamada Antígona, que sobreviveu o vestígio escrito mais antigo da palavra *autonomia*. As discussões recentes em filosofia da ética ou em psicologia do desenvolvimento da moral, frequentemente trabalham com situações problema: o paradoxo de Mandeville¹; o dilema do trem²; o dilema dos prisioneiros³; ou com a problematização da diferença entre moralidade convencional e moralidade pós-convencional⁴ (Kohlberg). As tragédias giram em torno de um herói ou heroína que ousa desafiar

os costumes e a lei corrente, também chamada *diké*, a lei dos deuses, lei constituída por elementos de outro mundo, um mundo sem origem, de um mundo que antecedeu a ideia de que podemos nos reunir na *ágora*, podemos conversar e criar leis. Pergunta: as leis são imutáveis, têm uma origem tão forte, divina, que não podemos ou devemos desafiar, como os heróis fazem; ou são feitas pelos homens, são convenções, meros acordos tácitos? Antígona, filha de Édipo, tem dois irmãos. Etéocles torna-se o rei de Tebas, enquanto Polinice se exila. Anos depois, Polinice tenta recuperar o trono: eles lutam entre si e ambos morrem. O soberano Creonte decreta: “Aquele que respeitou a lei será enterrado com todas as honras, mas aquele que violou o

1 Em sua análise da fábula das abelhas, Mandeville (1670-1733) mostra como uma colmeia na qual se as abelhas deixassem de perseguir seus interesses individuais, gananciosamente, e se dedicassem a virtudes comuns, desinteressadamente, isso levaria à degradação da colmeia como um todo.

2 No dilema do trem, imagina-se que uma composição ruma nos trilhos de forma a matar cem pessoas, mas se você mudar uma alavanca ele poderá desviar o trem de modo a matar cinco pessoas. Você deve ou não, eticamente, mudar a alavanca?

3 No dilema dos prisioneiros, imagina-se uma situação na qual dois ladrões são apanhados em um mesmo crime. Se um deles confessa e o outro não, o confessor sai livre e o outro pega pena máxima. Se os dois confessam, ambos pegam penas médias e, se os dois não confessam, ambos pegam penas pequenas. Qual deveria ser a melhor estratégia a ser adotada?

4 Para Kohlberg (1927-1987), a interiorização da moralidade convencional significa aprender que lei e regras morais devem ser praticadas irrestritamente, independente das circunstâncias, do entendimento particular das pessoas ou de considerações sobre a legitimidade da lei. Na moralidade pós-convencional, a lei pode ser violada no sentido de que ela não é suficientemente universal ou justa, de modo que a violação não é apenas uma transgressão, mas uma mudança do patamar moral para o patamar ético na determinação da ação. Uma extensão política de problema se encontrará na pergunta se as populações têm o direito de se rebelar contra seu soberano se este se transforma em um tirano que maltrata seus súditos.

pacto será deixado insepulto, fora da cidade, fora da memória, como se não tivesse existido”. Antígona responde: “Creonte, você é pai de meu futuro marido Eron, mas não vou te obedecer e vou enterrar meu irmão”. E Creonte diz: “Se você fizer isso, vou ter que te enterrar junto com seu amado irmão”. Ela enterra o irmão e com isso Creonte é jogado no impasse. Não pode voltar atrás na sua palavra, porque é a palavra do rei. Manda a irmã de Antígona tentar demovê-la, mas menina tem um desejo decidido e acaba sendo enterrada junto com o irmão. Isso desencadeia uma série de acontecimentos lamentáveis: seu noivo se mata; sua mãe, esposa de Creonte, segue o mesmo destino. Desta forma Creonte, perde a autoridade que visava a possuir. Vejam que estamos recolocando aqui um problema de fundamento sobre a relação entre ética e moral. Que lei incorporar e reconhecer como justa: a dos seres humanos ou a dos deuses? Há um correlato científico dessa pergunta, que poderia ser enunciado desta maneira: até onde as leis da natureza se aplicam aos seres humanos?

CIÊNCIA E ÉTICA NA MODERNIDADE

Estou sugerindo que certas narrativas, como as das tragédias gregas, são homólogos éticos de problemas de ciência, porque elas tematizam impasses da moralidade. Foram renovadas, no século XVI, por Shakespeare e Racine, sobrevivendo até hoje na forma de novelas, contos infantis, histórias de heróis, de tal maneira que parecem uma conversa interminável, como a ciência. Por isso também inspiraram interpretações de Marx e Weber, de Kant e Hegel. Até mesmo Freud, por exemplo, na sua teoria do complexo de Édipo, ou Lacan, na sua leitura sobre Antígona, participam dessa tradição.

Saber ético e conhecimento científico estão condicionados, portanto, por uma decisão preliminar em torno de que lei preside nossos atos de reconhecimento. Lei que bifurca o reino da liberdade (autonomia) e o reino da natureza (heteronomia). Durante a Idade Média, Deus funcionava como ponto de convergência entre as duas perspectivas. Se existe um mundo dotado de infinita perfeição, deve existir uma espécie de espelho desse mundo entre os

humanos. Se existe um progresso do saber é porque deve existir um ponto de fechamento desse saber, ao qual chamaremos de verdade. Chegamos assim a um problema fundamental criado pela modernidade quando ela separa o saber ético do conhecimento científico. As descobertas científicas podem ser usadas com finalidades antiéticas, as práticas éticas se tornam indiferentes ao conhecimento científico. Uma consequência dessa separação é que a verdade ética, como o momento da decisão, aposta ou escolhe tornar-se uma categoria relativa ao sujeito. Passa a depender de suas circunstâncias, antropológicas, sociológicas, psicológicas ou históricas, mas é basicamente lida e avaliada do ponto de vista do indivíduo. Inversamente à verdade do objeto, passa a ser apenas uma versão provisória sobre o que se pode abordar pelas vias dos métodos científicos, como a axiomática matemática, a observação controlada por meio da experimentação, a construção de modelos, a comparação taxonômica, a análise estatística de probabilidades ou a descrição histórico-genética de processos. Foi Schiller o primeiro a perceber

que esse hiato entre ética e ciência poderia ser preenchido por uma educação, ou melhor, por uma formação que empregasse a arte e a estética como uma espécie de ponte de reconexão entre ambas. A arte passaria a compreender uma serventia ética, como no seu passado pedagógico testemunhado pelas catedrais e pela arte religiosa, e uma condição técnica, capaz de realizar procedimentos experimentais, ocasionalmente análogo aos da ciência, tais como a reprodução pela imprensa, técnicas de pigmentação, teoria da perspectiva, domínio químico dos materiais de moldagem e gravura.

Vimos que, com o passar do tempo, ocorreu uma espécie de fusionalidade das culturas em torno de uma ciência cada vez mais universal. Hoje, não faz sentido falar de uma ciência hitita contra uma ciência egípcia. A ciência abandonou a sua definição baseada em objetos locais e começou a migrar para duas exigências novas: o uso controlado e rigoroso da linguagem e a produção de fatos por meio de observação, comparação e experimentação. O latim deixou de ser a língua litúrgica e passa a estabilizar

a nomeação das doenças, dos seres vivos, sinalizando que a ciência demanda uma linguagem comum, como também é a matemática. Outro traço comum nesse processo é que a ciência vai se tornando cada vez mais parte do espaço e do interesse público. Foi um momento de busca da universalização. Existe a ciência que eu faço, a ciência que outro faz, tem a ciência dos americanos ou dos russos. A ciência progride – se é que a gente pode usar com cautela essa palavra – no sentido de que há uma razão que se impõe aos interesses locais, ou seja, há uma razão que não é particular, mas que é pública e que deve se expressar em linguagem pública. Da relação entre o apuro da linguagem e a observação dos fatos, emerge, tanto a partir do racionalismo de Descartes quanto dos empíricos Bacon e Hume, a ideia de que o conhecimento científico envolve uma crítica permanente do saber. O modelo desse processo é também duplo: o exame das condições de possibilidade da colocação e uso de conceitos, com Kant, e a transformação histórica da relação entre conceitos e os interesses mobilizados no seu emprego.

Voltamos assim para Antígona. Alguns vão observar que essa história não é tão simples: Creonte, o tirano que tinha o poder público e a lei em suas mãos, contra Antígona, que o desobedece em nome da família. Ele manda matá-la em nome da lei e da ordem pública. No fundo, o que Antígona estava dizendo com o seu ato não é assim: “O meu irmão era tão legal que merece um enterro digno”. Ela estava dizendo algo maior, ou seja: “Todos temos direito a um enterro, porque todos nós, humanos, nos definimos por um lugar simbólico no trato entre viventes, os que se foram e os que virão”. Isso transforma o ato de Antígona de interesseiro e particular em um gesto que torna a lei melhor para todos nós. A lei não está toda escrita. Nem as leis humanas, no sentido do direito e da ética, nem as leis da natureza, no sentido da ciência e da técnica. E é isso que a mentalidade moral tem dificuldade de aceitar. A mentalidade moral, já que agora trabalhamos a diferença entre moral e ética, afirma que a lei está toda posta. Foi proclamada por uma autoridade superior, histórica, transcendental ou teológica, que não nos cabe questionar.

CIÊNCIA, ÉTICA, MORAL: SABERES PROVISÓRIOS.

Os recentes movimentos explícitos de negação e revolta contra as ciências, muitas vezes, escondem uma amarga descoberta, favorecida em parte pela distribuição mais acessível do saber científico, em formato digital. Essa intuição revela que, no fundo, a ciência é provisória. Ela só nos oferece dúvidas e consensos provisórios, baseados no melhor conjunto de evidências disponíveis sobre um assunto. Nada diz sobre a verdade, enquanto ponto de reunião entre conhecimento e saber. A descoberta de que o cientista não é o herdeiro redivivo do teólogo pode ser aterradora. Se o conhecimento não oferece garantias para nossos dilemas éticos, ele só pode ser uma falsa promessa, gerida por impostores. Se a ciência tem uma pequeníssima dúvida sobre o aquecimento do planeta, porque esta dúvida não pode contemplar minhas crenças, por mais idiossincráticas que elas sejam: terra plana, sopa de Wuhan, cloroquina, conspiração mundial pedófila? Paradoxalmente, esse é um efeito da ampliação do número de par-

ticipantes e espectadores do jogo da ciência e não da sua redução. Enquanto a ciência era um empreendimento opaco, inteligível apenas para uma elite capaz de compreender o idioma científico, devíamos aceitar a autoridade de suas descobertas e resoluções. De modo análogo, compreendíamos a política como uma complexa rede de instituições, processo e leis cuja compreensão exata era inacessível às pessoas comuns. Ora, a partir do acesso da cultura científica a qualquer um que tenha acesso à linguagem digital, essas duas opacidades se reuniram em uma compreensão mais próxima e menos intimidadora dessas duas práticas. Não é um acaso que a internet tenha surgido da associação entre interesses militares e a pressão dos cientistas para encontrarem uma linguagem comum dentro da linguagem comum. Descobrir que a ciência envolve consenso e dissenso, indeterminação e determinação, conhecimento e controvérsia, aproximou os dois campos em torno da mesma percepção psicológica de farsa, engano e relatividade. Isso é semelhante à decepção que sentimos quando percebemos que a autoridade de

nossos heróis paternos e maternos não é mais do que a cópia imperfeita da autoridade social. Quando nossas idealizações caem, é frequente que busquemos ídolos ainda mais poderosos para compensar a decepção. Nesse caso, é compreensível a realocação da estética que, como vimos, é uma poderosa estratégia de recomposição entre ética e ciência. Mas, além disso, temos que nos haver com a recomposição do sonho teológico-político de unidade social por meio da hierarquização de todos os saberes. Ressurgem assim novos tiranos que querem subordinar a reflexão ética e as considerações científicas ao poder político pessoal, muitas vezes de corte neofascista. Para isso bastaria voltar à história de Antígona e interpretá-la como a saga de uma jovem demasiadamente apegada à sua família. Sua defesa não era a defesa de todos nós ou o direito universal ao funeral, mas a preservação da propriedade e da prerrogativa dos laços sanguíneos. Ela amava demais seu irmão para entender que ele era um criminoso. Creonte, por outro lado, representa a força da cidade, ideia de que a lei é para todos, até mesmo

para sua futura nora. A moral da história, nesse caso, não é que os laços sanguíneos, pessoais e familiares de Antígona devem dobrar-se às relações impessoais, institucionais, representadas, ao final, pelo Estado; mas os interesses impessoais das políticas públicas devem se dobrar aos desejos pessoais da família ou do grupo étnico que está no poder.

O CIENTISTA E O SUJEITO ÉTICO: PSICANÁLISE E FILOSOFIA.

Vimos que Descartes e Bacon fizeram um corte na unidade entre ética e ciência. Vimos também que Schiller sugeriu que essa unidade poderia ser restaurada pela ciência e que os movimentos negacionistas tentam suturar essa divisão por meio do retorno à teologia política. Ao longo da discussão, fui reservando a palavra “saber” para as reflexões éticas e o termo “conhecimento” para o resultado da prática científica. Agora podemos introduzir a ideia de que tanto o saber quanto o conhecimento não se dão como operações isoladas, mas ambos dependem do reconhecimento de que

ambos são práticas que ocorrem entre comunidades humanas. Ética e ciência só se tornaram importantes para a nossa sociedade porque nossas sociedades reconhecem nessas práticas e nesses discursos alguma pertinência para tratar de nossos problemas.

Temos aqui um terceiro termo, o reconhecimento, que precede o saber e o conhecimento. É pela existência de uma gramática comum de reconhecimento que a relação que temos com objetos de conhecimento pode ser pensada como simétrica, subordinada e sincronizada com a maneira como tratamos as outras pessoas. Essa foi a tarefa da filosofia na antiguidade. O filósofo era ao mesmo tempo um cientista e alguém que age bem, alguém que é bom no que faz (*agathon*), porque torna-se alguém virtuoso (*areté*) quando faz o que faz. Descartes e a modernidade em geral vão desestabilizar essa equação ao dizer: “o conhecimento define-se por sua resistência à dúvida, não tem relação com as formas constituídas de autoridade; a única autoridade soberana é a razão”. Indiretamente, ele afirma que a moral é provisória.

Desde então, passamos a reconhecer o conhecimento científico como um saber produzido pelo método científico. O método prescreve que o conhecedor tem que estar em certa posição de sujeito no uso público da razão, expresso em língua de aspiração universal, que supera todas as suas particularidades, para se tornar uma espécie de sujeito universal. Os objetos de conhecimento não são, portanto, os objetos reais, mas os objetos operacionalizados, miniaturizados, reduzidos e convencionalizados em virtude dos métodos empregados para abordá-lo. O método deve estar ajustado para o objeto, de tal forma que alguns chegam a dizer que o ponto de vista, embutido no método, cria o objeto.

Por exemplo, pesquisas recentes mostraram que o famoso experimento da torre de Pisa, no qual Galileu teria soltado dois objetos de pesos diferentes, para mostrar que ambos chegavam ao solo no mesmo instante simplesmente não aconteceu. Mas não aconteceu na prática. Foi, por outro lado, um experimento mental, uma conjectura, que depois se mostrou correta por inúmeros outros experimentos

empíricos. Ou seja, a simulação em pensamento, também chamada de hipótese, pode partir do senso comum, mas o seu gesto fundamental é colocar esse saber em dúvida. Que é o que ele está fazendo ao dizer: “recuso todas as formas de autoridade, a não ser que elas me convençam pelo bom uso da razão, ou seja, pelo uso metódico da razão”. Seja feito o reparo particular que isso se refere à autoridade cognitiva, não à autoridade ética, que fica resguardada por Descartes no que ele chamou de “moral provisória”, isto é, obedecer aos costumes e leis de seu país enquanto faz seu experimento mental que fundará uma nova forma de conhecer. Mas a modernidade não se caracteriza apenas pela soberania do método. Ela também introduzirá um novo uso específico do conhecimento chamado também de técnica ou de tecnologia. A diferença entre método e técnica pode ser apresentada a partir da oficina de trabalho de Galileu. Ali, ele construía instrumentos, pois era assessor militar de príncipes italianos. Criava lunetas de todo tipo para verificar a posição dos exércitos inimigos nas batalhas. Existia uma

técnica de construção de telescópios e lunetas para uso militar. O gesto que funda um novo método acontece quando Galileu pega a mesma luneta e a levanta para o céu. Agora se trata de observar as estrelas, calcular com maior precisão seu movimento e hipotetizar suas órbitas. Posso apontar a luneta para Vênus, Marte ou Júpiter. Criei um método e, com ele, uma nova ciência, a astronomia moderna. O instrumento estava lá há muito tempo, mas foi a genialidade do cientista, de colocá-lo a serviço do método, que o tornou uma nova maneira de conhecer e não apenas saber como agir contra inimigos durante uma guerra. O contato com as regras elementares da ciência nos leva à dúvida e não à certeza. Ocorre que a dúvida é uma experiência psicológica do sujeito, a criação de hipóteses e o tratamento experimental dessas hipóteses é apenas uma maneira de tratar a dúvida. Existem outras e existem maneiras ideológicas e negacionistas de tratar a dúvida. Uma evidência é uma ideia clara e distinta e que resiste à dúvida. Um método tem alguns critérios como a síntese, a análise e a enumeração

dos passos que ele compreende. A verdade torna-se então a possibilidade de voltar nos passos dados pelo processo de conhecimento e recuperar a ordem das evidências, ou também chamada, ordem das razões. Mas seria assim também com a reflexão ética?

Vimos que, com a modernidade, a verdade torna-se inerme, do ponto de vista da ética. O cientista pode ser um sujeito malvado, mal-intencionado ou simplesmente que não sabe bem o que está fazendo, como o *Dr. Frankenstein*, no livro de Mary Shelley. Além disso, temos três condições de exclusão, na origem do procedimento científico, que não podem ser excluídas da consideração ética. Dizia Descartes que o “penso, logo existo” não se aplica se eu for louco, se eu estiver sonhando e se o “outro”, que é a metáfora da razão fora do indivíduo, estiver disposto a me enganar. Na recente revolta moral contra a ciência são exatamente essas três figuras que vemos frequentemente serem levantadas. A insanidade como princípio de exclusão do sujeito pode ser pensada como metáfora da alteridade. Nesse sentido, podemos olhar para a modernida-

de e dizer, somos todos racionais, mas alguns são mais do que outros. As crianças, os indígenas, os que não são exatamente semelhantes a “mim”, não são inteiramente sujeitos, portanto, a eles podemos negar prerrogativas éticas e desconfiar de sua produção cognitiva. Também as figuras de alteração da consciência, como os demasiadamente crentes, os maníacos por ódio, os paranoicos, os possuídos por substâncias químicas, a esses lhes negamos a razão, ainda que eles possam recuperá-la quando saem desses estados. Finalmente, temos aqueles que intuem que certas materializações de nossos sistemas de razão estão envolvidas em um plano de enganação coletiva: a imprensa, as universidades, o sistema financeiro mundial, o ordenamento jurídico e, é claro, os políticos, seja na forma dos seus representantes locais, seja na forma das grandes potências mundiais.

QUAL O FUNDAMENTO DA ÉTICA?

Mas se em Descartes a ética ficou à espera de uma fundamentação, relegada a uma moral provisória, onde poderíamos encontrar o seu

fundamento na modernidade? Teremos que olhar para Kant e sua nova ideia de liberdade para encontrar uma resposta para isso. Para ele, o agir ético nunca deve tratar o outro como um objeto, sempre como um sujeito, nunca como um meio, mas sempre como um fim em si mesmo. O outro, no sentido da ética, não tem preço, como os objetos que podem ser trocados entre si, mas dignidade. O fundamento da ética está em considerar que a máxima que preside a noção de ação local pode ser erigida em lei universal. Voltamos ao problema grego da sincronia entre a lei para os seres de liberdade e a lei para os seres desprovidos de liberdade. Contra Kant levantou-se a tradição utilitarista escocesa dizendo que isso é como deveríamos agir. Ainda que tenhamos uma voz interior que sempre nos adverte de como devemos agir, não é assim que efetivamente agimos. Na prática, agimos de forma a maximizar ganhos e diminuir prejuízos, aumentar o prazer e diminuir a dor. Se Kant punha nossa liberdade em acordo com um certo tipo de obediência à lei, e se essa obediência deveria superar todas as inclinações

patológicas de nossos corpos e de nossos interesses, os utilitaristas diziam que nossos elevados conceitos de liberdade e bem comum só podem ser alcançados se respeitarmos as práticas individuais. Se Kant dizia que a ética não deve se basear em exemplos, figuras históricas ou mandamentos, mas apenas no que nossa razão pura e prática nos diz, os utilitaristas vão valorizar os hábitos e o senso comum como prova de que a eticidade é no fundo subordinada à moralidade. Se Kant recupera a ética trágica, no sentido do amor à lei acima de todas as coisas, inclusive da própria vida, se lembramos do caso de Antígona, os utilitaristas retomam as éticas da felicidade também chamadas de *eudamonistas*, como a que encontramos em Aristóteles.

Foi Hegel que tentou desatar esse nó quando colocou outro ponto de vista para enfrentar a ética. Não mais o indivíduo teórico do dever, como imperativo categórico de Kant, nem o indivíduo egoísta, movido pela utilidade, crente na mão invisível do mercado, como argumentou Adam Smith, mas o que ele chamou de comunidade ética (*sittlichkeit*). Ele argumentava

que em cada um de nós existe uma divisão entre mestre e escravo, ou seja, entre a consciência teórica, soberana e autodeterminada, e a consciência prática, submetida ao trabalho e determinada pelo outro. É porque nos reconhecemos assim, divididos entre as paixões da carne as aspirações da alma, entre Bentham e Kant (ou seu simétrico Sade), que nossas relações sociais são também assim. A eticidade deve ser compreendida como um estado de conflito, no interior do qual todos seriam mestres de si mesmos e, portanto, a divisão fosse superada por uma nova gramática de reconhecimento.

A ÉTICA DO DESEJO E A CIÊNCIA DO SONHO

Ora, o que Hegel descreveu como paradoxo histórico da modernidade, ou seja, de que ainda que tenhamos abolido a escravidão ela permanece entre nós, em nossos impasses de reconhecimento, teria ganhado uma sistematização inédita cem anos depois por um novo empreendimento para tentar reunir ética e ciência, ou seja, a psicanálise. Freud escuta suas pacientes

históricas e hipotetiza que elas estão sofrendo com a negação do próprio desejo. Seus sintomas são deslocamentos simbólicos e expressões deformadas dos conflitos em torno de seus desejos. O senhor e o escravo, Kant e Hume, Antígona como heroína ética da nova lei ou como desobediente moralista familiar, reaparecem no interior do sintoma neurótico. Não é essa a primeira figura excluída da ciência cartesiana? A loucura como des-sujeito é então recuperada por um método de escuta, baseado na técnica da associação livre.

Mas a loucura pode ser considerada um tipo de experiência particular. Haverá sempre aquele sujeito normal que imagina que só existe loucura para os outros. De certa forma esse é o sujeito científico, como vimos com Descartes.

A segunda figura de exclusão era justamente o sonho e os estados alterados da consciência. Isso nos remete ao segundo livro fundamental de Freud - *A interpretação dos sonhos (Traumdeutung)* -, traduzido em francês como *Ciência dos sonhos (La science des rêves)*, graças à ambiguidade da palavra alemã *deutung*, que pode ser tradu-

zida tanto por “saber” quanto por “conhecimento”, tanto por saber prático, quanto por conhecimento teórico. De fato, essas duas propostas estão presentes no livro.

Ao final, a psicanálise pode ter sido mal-sucedida, tanto quanto ciência como quanto projeto ético, mas fato é que Freud e seus herdeiros dedicaram-se a enfrentar as três lacunas que separam ética e ciência, ou seja, a loucura, o sonho e a anomalia estrutural da razão. Este último tópico nos remete à ideia de que o inconsciente não é uma figura da desrazão, mas uma espécie e paradoxo da própria razão. Esse paradoxo decorre do fato de que não somos apenas sujeitos cognitivos, mas também sujeitos de desejo. Seria possível pensar uma ética do desejo? Foi esse o grande desafio de Lacan.

Uma ética do desejo é diferente de uma ética do prazer ou do dever. O desejo é aquela coisa que saiu pela porta de frente, para que nos tornássemos sujeito, mas que fica nos assombrando com seus retornos pela porta do fundo. Está em tudo aquilo que tivemos que negar para nos identificarmos como sujeitos de ciência: nossa infância, nosso

passado de barbárie e devastação, nossas fantasias egoístas e altruístas, nossos desejos de destruição e agressividade. Por outro lado, a psicanálise só é possível a partir dessa dupla condição de base que é a identificação com o sujeito da ciência moderna e o reconhecimento de sua dimensão ética trágica. Ela é uma crítica da moral, como já mostrava Sigmund Freud, o autor de *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*. Mas ela é também uma crítica interna da ciência, capaz de mostrar como ela deixou alguns temas e condições para trás, para poder se constituir historicamente. Ela se ocupará de certos efeitos de nossa confiança irrestrita no progresso da razão, como o preconceito, a segregação, a barbárie da guerra e da dominação. É, de certa forma, a última das ciências a reclamar para si a junção ética, e a primeira ética a colocar no seu horizonte um novo tipo de consideração da ciência.

Parabenizo a Terezinha por chamar este debate. Aparentemente, enquanto a gente não colocar na mesa que não somos sujeitos kantianos, obedientes e que seguimos essa exclusão, enquanto não admi-

tirmos que há demônios na parada, dentro de cada um de nós, formando nossa relação com a ética, a relação entre ética e ciência vai ser uma relação normativa, convencionalista, uma relação que vai resolver sintomas que se alastram da judicialização dos temas éticos, ao *compliance* nas empresas, dos termos de ajuste de comportamento aos comitês de ética na ciência, sem falar nos cancelamentos digitais e outras formas selvagens de responder à crise da ética.

Ou seja, precisamos poder pensar a ética mais além do desvio, da transgressão e da imoralidade. É importante que existam comitês de ética, assim como existem os códigos de ética profissional, mas na verdade eles são dispositivos morais, que defendem bons costumes. Essas soluções são encaminhamentos muito precários para o nosso desafio contemporâneo, acentuado pela pandemia mundial de Covid-19, a saber: como a crise da ética pode nos levar a construir uma ética da crise?

Estão lançadas a cizânia e a discórdia.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

ÉTICA, POLÍTICA E OS ABUSOS E DESLIZES DA CIÊNCIA.

Obrigada, Christian!

Enquanto você ia falando, eu ia pensando (sou coisa pensante, você sabe...) que os outros (essas outras coisas pensantes) teriam seguido essa coisa bonita que você nos trouxe, sempre pensando em algumas situações muito concretas. Você trouxe algumas dessas situações, mas em coisas que a gente está vivenciando. Sei que todos devem estar curiosos, devem ter as suas observações, mas quero refletir a propósito dessa última colocação sua – que a ciência tem abusos e deslizes, se a gente olhar para ela do ponto de vista ético. Fico pensando que atualmente aqueles que desprezam a ciência podem utilizar como pretexto esses abusos e deslizes. E então, de que maneira entrariam aí as noções de escolha e responsabilidade? E aí já entra outra coisa no meio, que não são só a ética e a ciência, mas a política. Queria ouvir você a respeito disso.

ÉTICAS E MORAIS COMPETINDO
ENTRE SI?

Eu não queria avançar tanto e tão rapidamente, mas entendo que a resposta mais óbvia é que existe algo que junta a ciência e a ética que é política, a política enquanto prática de ocupação do espaço público. Qual é a política que queremos? Uma política que inclua mais pessoas, afinal não é esse o sentido que a reflexão da ética e da ciência vem fazendo desde os primórdios? Aí a gente vai encontrar alguns problemas.

Primeiro, vai dizer o seguinte: “Não está dando certo esse negócio de universalizar”. Porque, em nome dessa universalização, os negros, as mulheres, os grupos LGBTQIA+, os povos da floresta estão de fora, estão de fora há muito tempo.

Então a ideia de que a gente vai incluir todo mundo está equivocada, porque a fila está demorando muito. Está parecendo aquela coisa do Delfim Neto: a gente engorda o bolo e depois divide. Não. Porque não vai acontecer essa divisão – há os que vão continuar comendo

o bolo e os outros vão continuar famintos. Então, há uma suspeita sobre esse aspecto da razão. E essa suspeita vai dizer: “Então, que tal se a gente mudasse o problema para: olha, não tem essa de uma ética que seja para todos nós, só existem éticas que estão competindo entre si, só existem morais que estão competindo entre si, só existem particulares com seus interesses, seu jeito de pensar a ética e um jeito de pensar também a política.” Compreensível, mas problemático. A segunda solução é dizer assim: “Olha, como isso não está dando muito certo; como isso está gerando desordem e bagunça, vamos voltar lá atrás, quando miticamente as coisas tinham alguém que mandava aqui, nessa bagunça”. Então é um movimento de restauração teológica. Aí a gente tem o anacronismo do anacronismo, a gente tem a brecha para o retorno, eu diria assim, sem mediação, o retorno como violência, o retorno como barbárie. É um exemplo de como aquilo que a gente expulsou, que não quis ouvir de um lado, aquilo volta violentamente do outro. Não é que de repente apareceram tantas pessoas malvadas no

mundo, ou tantas pessoas fixadas nos seus próprios preconceitos. Isso reflete negações que talvez a gente não deveria ter empunhado tão fortemente, exclusões que a gente acabou praticando. Sim, é um momento de reforma nessa relação. Essa ideia tradicional, ligada ao que é a bomba atômica, de que eu faço ciência e depois os outros fazem tecnologia; eu faço ciência, a ética vem talvez depois. Ou eu faço ciência e o comitê de ética me controla, se ela não é politicamente defensável. Contudo, precisamos de mais que isso.

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

É CORRETO HOMENAGEAR QUEM ATACA E DESRESPEITA A CIÊNCIA?

Olá, professor, é uma satisfação falar com você novamente. Ouvindo você falando principalmente sobre reflexão, sobre leis, autoridade, eu me lembrei de uma notícia recente que falava sobre a concessão, pela Câmara Municipal de Maceió, do título de cidadão maceioense ao atual ocupante do Palácio do Planalto. E aí me lembrei que uma

pessoa como essa, que desrespeita e ataca a ciência, é homenageada dessa forma, com uma diferença expressiva – 16 a 6 dos vereadores aprovaram esse ato. Então eu queria saber a sua opinião, o seu comentário a respeito disso. Isso é ausência de reflexão ética ou é outro tipo de ética, entre aspas? Eu queria saber, porque é uma notícia que me deixou chocado e acredito que a muitas outras pessoas também. Obrigado. É uma satisfação falar com você novamente.

CHRISTIAN DUNKER

UMA ATITUDE ANTICIENTÍFICA, DE UM LADO, E IMORAL, DO OUTRO.

A satisfação é minha, Anaximandro. É um ótimo exemplo, porque ele traz, de forma cabal, que o político tem que ter uma reflexão, tem que ter uma formação, para localizar o que é ciência e como ele entende a relação entre ciência e ética. É a questão da Terezinha – a gente deveria perguntar: “O senhor é candidato? Como o senhor entende a relação entre ciência e ética? Ah, eu entendo assim... entendo que na verdade ciência é uma coisa

muito controversa... eu tenho a minha, sabe, e daí eu faço a minha, e daí, quando dá, eu entro com a minha ciência. Daí, se você tiver a sua, a gente vai discutir, vamos ver quem tem a ciência mais peluda, maior.”

O que a gente não pode lamentar, ou pelo menos se espantar, é que isso tenha sido um engano, que a promessa não era essa. Vamos lembrar do dia do impeachment de Dilma. Sejamos ou não a favor, não importa se foi golpe (até o Michel Temer concorda que foi) ou não, pode-se inclusive dizer: “Ela era culpada, fez lá as pedaladas”. Vamos observar o que disseram os deputados no momento da votação. Qual deles disse “Em nome da razão, em nome da justiça que nos toca a todos, em nome da ciência”? Nenhum. Oitenta por cento deles fizeram referência a que? “Em nome de minha filha, em nome do meu avô, em nome da minha cidade, em nome daqueles que...” Ou seja, era uma declaração de que uma forma de poder estava se estabelecendo, que era menos universal do que a que a gente tinha antes.

O que a gente tinha antes podia ser precário, mas não pertencia a esse

registro de redução para a família, para o local. Voltando lá ao caso de Antígona. É como se Antígona dissesse: “É porque é meu irmão. Se fosse o seu, eu deixaria para os abutres”. Não! O seu ato é para incluir mais gente, dizer: “Todo mundo merece um funeral à altura”. Naquele momento (o da votação do impeachment), estava em jogo justamente isso: todo mundo merece ser punido pela corrupção? Era isso que a gente queria ouvir: “A partir de hoje, eu me comprometo a que o próximo que for pego em corrupção, eu vou votar pelo impeachment. Por quê? Porque a lei tem que ser para todos”. Zero. Rosquinha. Ninguém falou assim. E dava, é possível. Não estou aventando algo que seja fora da realidade brasileira. Podemos mais do que isso. O fato é que, naquele dia, oitenta por cento deles disseram: “Sou cidadão maceioense”. A homenagem é a própria confirmação dessa lógica, de que ele é um dos nossos, da nossa milícia, do nosso grupo, da nossa família. Isso é que é atitude anticientífica.

E aí, nesse caso, a gente tem uma atitude que é anticientífica, de um lado, e imoral, do outro. “Deixa

morrer, todo mundo morre, isso é uma gripezinha.” Isso é imoralidade. Há um casamento regressivo em curso, há um casamento que corta recursos da ciência, como a gente nunca viu; corta recursos da arte, como a gente nunca viu; corta recursos da educação, como a gente nunca viu. No fundo – e acho bastante razoável essa interpretação –, estamos vivendo a guerra cultural que alguns acreditam que aconteceu nos anos 60, mas é agora que realmente estamos diante de uma guerra cultural. Nos anos 60, os militares não entraram em campo. Tinham lá suas teorias sobre o que chamavam de subversivos vermelhos, de esquerda. Mas não tinha corpo isso, não se perguntava: “Quem são os teóricos da repressão, onde estão os filósofos?” Não tinham. Mas agora têm. Tem gente, diretores de teatro tocando a marcha nazista ao fundo, tem Olavo de Carvalho dizendo: “Vamos fulminar essa ciência da Pepsi que coloca coisas no feto...”. Ou seja, há um movimento irracionalista brasileiro organizado. Isso é totalmente novo. Isso é inesperado. Há alguns ingredientes para a gente entender a emergência

disso. Mas isso convoca uma outra posição. A gente tem de falar de ciência, de ética, de outra maneira, porque daquela... aquilo deu nisso.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

DIA NACIONAL DA CIÊNCIA E DO PESQUISADOR

Aqui no *chat*, a Renée (Renée Barata Zicman) nos lembra que hoje é o Dia Nacional da Ciência e do Pesquisador, neste país do qual nós falamos e buscamos aqui motivos para celebrar este dia.

CHRISTIAN DUNKER

AFASTAMOS A CIÊNCIA DA POPULAÇÃO

Eu gostaria de mencionar aqui, a eleição recente de Renato Janine Ribeiro para a presidência da SBPC, que é e foi uma associação muito importante durante os anos de chumbo, durante a ditadura, justamente como uma força de resistência à razão regressiva. O Renato está entrando e tentando retomar um pouco essa tradição de que adianta a gente fazer uma ciência.

Acho que agora vou falar um pouco como cientista. Parece que não, que fico falando essas bobagens sobre filosofia e tal, mas publico *papers* em revistas internacionais. Vocês podem pôr lá o meu nome, no *Google Scholar*, vocês vão ver que eu estou lá no ranking etc. A gente pode jogar na segunda ou terceira divisão, mas eu jogo no campo da ciência. Isso foi, como direi, um impasse no qual nós, enquanto professores universitários, enquanto pesquisadores, nos colocamos, e temos que fazer a crítica disso. Durante vinte anos, não muito mais do que isso, profissionalizamos a ciência no Brasil. Montamos um sistema CAPES, Sucupira, Lattes, um sistema de avaliação que a América Latina não tem. Você vai à Argentina, eles estão começando isso agora. Você vai à Colômbia, vai ao Peru, em boas universidades. O Chile é outro caso, mas o Sistema Nacional de Pós-graduação começou lá nos anos 1980, 1990, e hoje todas as unidades da federação têm lá o seu departamento (pode ser melhor ou pior), mas a gente joga no campeonato mundial da ciência internacional. Qual foi o custo para produzir isso?

O preço para isso foi: durante 20 anos, a única coisa pela qual eu podia ser avaliado era pela publicação de papers, era ciência. Se eu dava aula, se eu dava aula boa, se eu dava aula ruim, se eu dava pouca aula, muita aula, zero. Se eu falava de Brasil, zero. O que interessa ao Brasil? Antropologia, vá lá, mas se eu conversava sobre os problemas nacionais, zero. A única coisa que importou foi: vamos montar um time para sermos reconhecidos e ranqueados. E somos bem ranqueados: a USP está em 120º lugar. O custo disso é que hoje a ciência e os cientistas são vistos como funcionários públicos que ganham muito, que deram as costas para a sociedade, que estão lá num lugar à parte. A gente não sabe o que eles fazem. Sim. Porque a gente não conseguiu, a gente não trouxe as pessoas junto. Espero que vocês entendam o que estou querendo dizer com “pessoas”. A gente começou: “Eu frequento Noruega, França, Espanha, Itália”. E as pessoas, no Brasil?... “Ah, meu time é lá na pós-graduação”. Tudo bem. O que eu estou revertendo para a massa de pessoas que precisam de mais informação, informação científica

e política? Pouco. A gente tem essa conta a pagar pelo que aconteceu.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

A professora Branca levantou a mão por um momento. Você quer fazer uma colocação?

BRANCA JUREMA PONCE

NÃO LEVAMOS NOSSAS REFLEXÕES AO POVO BRASILEIRO

Primeiro, quero dizer do meu prazer imenso de estar aqui, com vocês, com o professor Dunker, com a Tê, e que quinta-feira à noite tem sido sempre um momento muito bom de reflexão. Este bate-papo que a gente faz, que é na verdade aquilo que faz a gente avançar, conversar, é algo importante. E isso que a gente está trazendo aqui para discussão, a relação da ciência com a ética, a própria colocação agora do professor Christian, quando ele traz essa ideia de que nós, pesquisadores, não levamos a população brasileira junto. É a pura verdade. Mas nem por isso somos culpados. Ao contrário. Acho que a gente está vivendo uma situação de negacio-

nismo, com uma visão bastante complexa. Gosto também de lembrar que nosso sistema de avaliação, que a gente mais critica do que apoia, foi fundado por Anísio Teixeira, um grande homem. Foi ali, exatamente no início do século passado, quando a gente teve um primeiro momento de avanço da democracia, embora seja uma democracia liberal, uma democracia mais de fachada. Em muitos momentos, ela nos serviu na luta contra a ditadura, ela nos serviu para tirar de nossas gavetas aqueles princípios fundamentais que ela tem. Pena que quando a gente esteve avançando, naqueles vinte anos de possibilidades democráticas, a gente não tenha feito o movimento de levar ao povo brasileiro as nossas reflexões.

Ao mesmo tempo, não nos demos conta dessa força de Auschwitz que estava no solo brasileiro e que a gente não teve a percepção. Estávamos alegres e festivos exatamente quando precisávamos preservar urgentemente aquilo que a gente vinha conquistando.

Então, professor, eu gostaria que o senhor comentasse um pouquinho essa situação do Brasil. Tenho con-

siderado, na verdade, com minhas alunas, meus alunos, que temos um Auschwitz a céu aberto, não é muito diferente. Tenho tirado das minhas estantes alguns autores como o Anísio Teixeira; como, por exemplo, Theodor Adorno, que escreve *Educação e emancipação*, no momento em que a Segunda Guerra termina. Enfim, gostaria de ouvi-lo. Obrigada pela noite linda.

CHRISTIAN DUNKER

2005: UMA CIÊNCIA NO CAMPEONATO MUNDIAL, MAS UM PAÍS SEM ESCOLAS

Agradeço muito, Branca, a lembrança do Anísio, que permite situar esse processo não como má-fé dos professores e pesquisadores brasileiros, má vontade, mas seria um pouco assim, de um lado, a absoluta importância do progresso de institucionalização, que é o que o Anísio via, queria, e de que nós absolutamente precisamos, porque a institucionalização é a materialização, na esfera concreta, da racionalidade pública. É por isso que é bom a escolarização e a avaliação da escolarização e a criação de um

sistema de controle, de acompanhamento, ou seja, uma escolarização que seja de fato consoante aos princípios de um estado democrático de direito.

No fundo, o Anísio está trazendo a grande pergunta legada pelo Sérgio Buarque de Holanda, quando, em *Raízes do Brasil*, ele diz: “Não sei... Será que as famílias brasileiras entregarão seus filhos para o Estado criar? As famílias brasileiras vão entregar seus filhos para o Estado educar?” Olhem a pergunta. O que está envolvido nisso? As famílias brasileiras podem assim entender que a escola é uma extensão delas, não tem Estado ali. Então, crio meu condomínio escolar, crio a minha escola, mas esse cara não é republicano, ele não sai dali pensando a razão de aspiração universal, ele sai dali reproduzindo o seu pequeno curral.

A ideia de entregar seus filhos para a escola, no sentido mais forte, de que mesmo que ela seja privada, é de interesse público, é o ponto mais crucial. Nesse mesmo momento em que a gente está criando um sistema de pesquisa, não tinha dinheiro para fazer tudo ao mesmo tempo. Outros países optaram por

não ter um sistema de pesquisa. Nós mandamos os nossos melhores cérebros para Paris, para Nova York, eles se formam lá e voltam e a gente tem aí a transmissão de tecnologia; não precisa ter ciência em todo lado. O Brasil disse: “Nós vamos fazer “. Mas o custo para isso é pagando os nossos salários, com as nossas instituições. É o custo de quê? Vamos dar um passo na republicanização do Brasil por esse caminho.

Enquanto isso estava acontecendo, outro fenômeno gigante se deu: pela primeira vez, todas as crianças estão na escola. Brasil em penúltimo lugar na América Latina. Olhem o descompasso. Temos ciência que joga o campeonato mundial, mas as nossas escolas não eram para todas as crianças até 2005. Uma coisa inadmissível se a gente comparasse com a Colômbia, com outros países que têm mais ou menos os mesmos problemas que a gente. O que é isso? No fundo, começa a apitar aquela ideia de que tem dois Brasis – o Brasil que é para as famílias brasileiras que entregam seus filhos para esse Estado e outras famílias brasileiras entregam seus filhos para outro

Estado. Deu ruim. Sérgio Buarque de Holanda estava certo. Se a gente não criar aqui um sentido de que tem um Brasil e que ele é bom para todos, não vamos sair dessa.

SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO

Temos ainda um tempinho, se mais alguém quiser fazer alguma colocação... A gente tem ainda uns minutinhos finais. Se quiserem aproveitar para colocar uma última questão...

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

UMA PERSPECTIVA UTÓPICA EXIGE UM GESTO DE “DESPENSAR”

Eu queria, então, entrar um pouquinho com uma coisa que está presente na reflexão, nas perguntas, nessa observação que Branca traz. A gente diz que a ética é esse olhar crítico. E que, portanto, pode produzir um saber um pouco mais amplo, um pouco mais profundo. E é importante, acho, que a gente tenha aquelas duas virtudes próprias dos sábios. A humildade, em primeiro lugar. O reconhecimento de que a gente não sabe, de que as

coisas são mesmo incertas e provisórias. A outra virtude é a coragem. Diante do reconhecimento do limite, criar forças. E acho que a gente tem que pensar nisso na perspectiva de uma ação conjunta. Por isso mesmo é que vale esta conversa. Eu queria trazer o Morin de novo, no seu livro mais recente (não no seu último livro, insisto...). O livro se chama *É hora de mudarmos de via*. A gente está sempre mudando. E de que mudança a gente precisa agora? Mudança de jeito de pensar... Boaventura de Sousa Santos fala em uma coisa interessante: uma perspectiva utópica exige da gente um gesto de dispensar. Não é dispensar. Dispensar – parar de pensar do jeito que a gente está pensando, às vezes muito enraizado em algumas coisas, e modificar. E aí Morin diz algo muito lindo. Ele diz: “Não perdi totalmente a esperança. Quero despertar, redespertar as consciências dedicando a elas minhas últimas energias”. E então ele fala dos princípios da esperança:

- 1) O surgimento do improvável. Você diz: “É pouco provável que o habitante do Alvorada faça tal coisa. Ou é improvável.” Bom, vamos

pensar que seja provável.

- 2) A regeneração. Acho uma coisa importante nisso, a possibilidade de uma mudança que regenera, que altera, conservando algo do original, mas trazendo algo novo. Depois, ele busca uma frase de Holderlin, que diz: “Onde cresce o perigo, também cresce o que salva”. E a observação que Morin faz é: “A oportunidade suprema é inseparável do risco supremo”. Aí, alguém vai dizer que é otimismo demais, só porque é dia do aniversário, a gente acredita nisso. Não, nada disso.

- 3) Por fim, ele traz a perspectiva da utopia, que não é o que é impossível de existir, mas o que ainda não existe. Esse “ainda não” significa que se requer um projeto. Com a colaboração dessas reflexões que a gente encontra por todo lado, que tem encontrado aqui, é que talvez a gente possa ir numa direção em que a gente tenha um pouco mais de perspectiva diante dessa situação negativa que se coloca para a gente. É como Branca diz: “Essa conversa é que nos salva, quem sabe. Se ela pode estimular ações, se a gente não fica só na conversa. Porque tem muita gente conversando por aí...”

CHRISTIAN DUNKER

A GENTE SÓ DÁ VALOR À LIBERDADE QUANDO A PERDE

Terezinha, acompanho, faço eco ao que você trouxe, junto com o Morin. Porque se a gente for olhar para essa história das relações entre ética e ciência, não é uma marcha triunfante. É feita de tropeços, é feita de recuos. Os momentos de soluço, de engasgo, são prováveis, mais ou menos esperados. Eles fazem parte. Há coisas que a gente não consegue transformar se não passar por esse momento de regressão. Isso não abona nem desculpa. Mas humildade e coragem, junto com uma certa experiência que a gente está tendo, que está acontecendo. A gente tem saído das universidades, estamos aqui discutindo... Há uma movimentação que lembra um pouco o que diziam La Boétie, Montaigne: “Liberdade é uma coisa que quando você tem, você não dá valor, mas quando você perde...” É como o ar – é de graça, está aí, qualquer um pode usar, mas quando você perde... Isso cria um sentido de implicação, de responsabilidade, de

engajamento ético, que talvez, em outras circunstâncias, a gente não tivesse.

Eu reputo que o Brasil não teve experiências muito fortes de reconstrução. O Paraguai teve. Você vai ao Paraguai, eles têm uma ética na reconstrução – a gente cai, a gente é derrotado, a gente perde, e a gente se levanta, a gente reconstrói o país, a gente aprende com os erros. Isso é humildade e coragem de recomeçar. E a gente está tendo experiência para isso. Amarga, dura, difícil, mas acho que a gente tem uma experiência que é formativa para a nossa cultura. Quem é que vai dizer depois dessa: “Ah, política é tudo igual, não me importa... não tô nem aí... põe qualquer um lá...”? Não, eu vou dizer que não é bem assim, você sabe na pele agora que não é bem assim. Vai ter que ter formação política melhor, senão você vai ter afundado todos nós mais uma vez nesse atraso. Voltando ao que a Branca colocou, não é culpa, é responsabilidade. Como é que a gente forma a responsabilidade? É assim, pensando no aberto da experiência do saber.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Nosso tempo vai se esgotando e por isso mesmo quero voltar a agradecer especialmente a você, por nos trazer essa contribuição tão rica, mas a todo mundo que aqui esteve e que pôde colaborar, pensou junto, e convidar todo mundo para a próxima quinta-feira, quando nós receberemos o rabino Nilton Bonder para conversar conosco a propósito de ética e religiões. Conto com a presença de todo mundo, agradeço muito e reparto o beijo que eu trouxe para o Morin no início.

CHRISTIAN DUNKER

Mande um beijo e um abraço para o Nilton. Vocês vão encontrar um craque, não percam!

